

APRESENTAÇÃO

*A polifonia de procedimentos para captar
olhares, silêncios e dubiedades....*

Arlene Renk*

Da mesma forma que em literatura ou em pintura, há um estilo em ciência. Não só uma maneira de olhar o mundo, mas também de interrogá-lo. Uma forma de agir em relação à natureza e de falar dela. De concatenar as experiências, de realizá-las, de extrair conclusões, de formular teorias. De pô-las em forma para tirar delas uma história, para contar ou escrever (JACOB, 1998, p. 142).

François Jacob, autor da epígrafe, ganhou em 1965 o prêmio Nobel de fisiologia e medicina pela pesquisa sobre o sistema *operon* de funcionamento genético em bactérias. Trata-se de uma fala autorizada (até contestação em contrário) acerca de sua área, a das chamadas *hard sciences*. Por que não transpor o teor da epígrafe para o contexto dos diversos ramos das frondosas ciências humanas, no sentido lato? Ora, por

* Antropóloga. Professora da Unoesc-Chapecó

muito tempo estas últimas, nascidas de costela das *hard sciences*, **procuraram** obsessivamente espelhar-se nessas, na busca de legitimidade. Apesar da teimosia de uns e outros, cabe dizer que é proposital o uso do verbo no passado. Hoje, o pluralismo mostra que as *hard sciences* são ciências sociais, porque foram construídas sob a ótica da racionalidade ocidental, têm história e partilham de uma crença coletiva que é legitimada pelo sistema escolar e ancorada no campo científico. Consolo para aquelas consideradas bastardas noutros tempos.

Respeitados os domínios, espaços e aportes construídos, não falamos de hierarquias de áreas de conhecimento e tampouco dizemos que nossa perspectiva é superior a outra. Diferentes, sim, mas com espaços para todas.

Traduzimos para nossa seara – a das ciências humanas – o fato de não coletarmos dados, mas de construí-los. Só há um dado construído quando houve por detrás um olhar interrogante, nutrido de uma teoria que media a questão. Caso contrário, estaremos coletando, coletando, coletando em estado bruto para depois ostentá-los como peças exóticas.

A coletânea de textos deste volume traz uma preocupação: como traduzir os dados brutos à disposição em dados construídos? Há muito os manuais de pesquisa prescreviam as técnicas de “coleta de dados”. Compartilhando do supos-

to que os dados só serão “encontrados” se tivermos uma teoria mediando uma questão, não os coletaremos. Construiremos. Construir os dados qualitativamente responde a questões postas qualitativamente. Há perguntas para as quais a matematicidade não consegue entender e tampouco apreender. Entra em jogo o papel da interpretação e da responsabilidade do/a autor/a da leitura/interpretativa de um dado. Pode ser a história oral (minúscula) ou a História Oral (maiúscula), enquanto desdobramento da História e que tem por objetivo a formação de arquivos de relatos orais.

As entrevistas, as narrativas e as observações são lidas e interpretadas a partir das questões postas. As respostas obtidas foram feitas em determinada situação. Essa observância do cenário, dos atores, da relação entre biografia e a sociedade, é fundamental para aqueles e aquelas que têm o compromisso com a História vista de baixo, das elites, dos temas nobres e daqueles que emergem a cada instante, palpitam e nos deixam rastros de pistas para construção de grandes e pequenas narrativas. Todas elas procurando captar os “imponderáveis da vida real”, experiências de homens e mulheres de carne e osso, os dizíveis e indizíveis relatos. Interpretações múltiplas, polifônicas. Esse é o intento dos textos a seguir.